

CORREIO NO MUNDO

Molly Riley/ Casa Branca



Trump minimizou publicamente a força militar iraniana

Donald Trump afirma que Irã deveria se render na guerra

O presidente dos EUA, Donald Trump, minimizou nesta terça (5) a capacidade militar do Irã e disse que o país deveria "hastear a bandeira branca". Teerã, por sua vez, aumentou o tom das ameaças diante da operação de Washington para escoltar navios no estreito de Hormuz. A nova troca de farpas ocorre um dia após vários ataques na região colocarem o cessar-fogo em xeque. Os dois países travam uma disputa pelo controle da passagem marítima, por onde passava cerca de um quinto do petróleo comercializado no mundo antes da guerra. "Sabemos perfeitamente que a continuidade da situação atual é insustentável para os EUA, enquanto nós ainda nem começamos", disse Mohamad Bagher Ghalibaf, chefe do Parlamento e negociador do Irã, no X.

Guerra 'ainda nem começou', diz Teerã

Ele afirmou também que a "presença maligna" de forças americanas diminuirá na região. Horas depois, Trump respondeu. O presidente afirmou a repórteres no Salão Oval que o poder militar iraniano foi reduzido e que Teerã, nos bastidores, quer fechar um acordo, apesar de sua retórica agressiva em público. "Eles fazem jogos, mas vou dizer uma coisa: eles querem fazer um acordo. E quem não iria querer, quando seu poder militar praticamente desapareceu?".

NASA/GSFC via Wikimedia Commons



Estreito de Hormuz é motivo de discórdia na guerra

Hormuz segue no centro do conflito

O republicano também elogiou o bloqueio dos portos iranianos pelos EUA e disse que a estratégia está "funcionando muito bem". Já o secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, disse a jornalistas mais cedo nesta terça que a operação dos EUA para proteger navios comerciais é temporária, que Washington não está buscando um confronto e que a trégua com o Irã ainda está em vigor. Hegseth disse, no entanto, que uma ação militar não está descartada, acrescentando que qualquer ataque iraniano provocará uma resposta "devastadora".

Hegseth fala em operação temporária

"Não estamos buscando um conflito. Mas também não podemos permitir que o Irã bloqueie países inocentes e suas mercadorias em uma via navegável internacional", acrescentou o secretário. "O presidente [Donald Trump] pode tomar uma decisão caso algo evolua para uma violação do cessar-fogo", disse Peter Hegseth. A troca de ameaças seguiu mais tarde, desta vez através da Guarda Revolucionária iraniana.

Resposta firme

Em comunicado veiculado na TV estatal, a guarda prometeu uma "resposta firme" a navios que tentem passar pelo estreito por áreas que não sejam as delimitadas por Teerã. "Alertamos todos os navios que planejam transitar pelo estreito de Ormuz que a única passagem segura é o corredor previamente anunciado pelo Irã".

Preço do petróleo

"Qualquer desvio de navios para outras rotas é perigoso e resultará em uma resposta firme da Marinha da Guarda Revolucionária iraniana", afirmou a força no comunicado. Desde o início da guerra, o estreito está bloqueado por Teerã. A situação provocou um aumento expressivo do preço do petróleo.

Bloqueio a portos

Para tentar pressionar o rival, Washington respondeu com um bloqueio aos portos iranianos. Na segunda (4), os EUA iniciaram a operação "Projeto Liberdade" para permitir que os navios bloqueados há semanas consigam atravessar o estreito. Mais de 900 embarcações estavam no golfo Pérsico no fim de abril.

Explosão I

Explosão em uma mina legal de carvão na Colômbia matou nove trabalhadores e deixou outros seis feridos, que foram resgatados com vida. Acidente ocorreu nesta segunda-feira (4) em Sutatausa, a cerca de 74 km ao norte de Bogotá. O governo colombiano informou que a explosão aconteceu "aparentemente por acúmulo de gases".

Explosão II

Quinze mineiros ficaram presos após a explosão, e seis conseguiram ser retirados com vida. Eles foram levados ao Hospital Regional de Ubaté, onde recebem atendimento médico. Agência Nacional de Mineração (ANM) confirmou as mortes e disse que enviou equipes de salvamento ao local.

Irã nega ataque

O Irã negou nesta terça (5) ter feito qualquer ataque contra os Emirados Árabes Unidos nos últimos dias, mas prometeu uma "resposta esmagadora" se for alvo de qualquer ação do país do Golfo. Manifestação foi realizada pelo comando militar conjunto Khatam al-Anbiya do Irã, grupo que planeja ações conjuntas das Forças Armadas.



Thiago Ávila, ativista brasileiro, está preso em Israel

Israel prorroga prisão de ativista brasileiro

Brasileiro e espanhol podem ser condenados a prisão perpétua

Um tribunal israelense estendeu até domingo (10) a detenção de dois ativistas, o espanhol-palestino Saif Abu Keshek e o brasileiro Thiago Ávila, que faziam parte de uma flotilha com destino à Faixa de Gaza. Eles compareceram nesta terça (5) a uma corte em Ashkelon, a 60 km de Tel Aviv. A advogada Hadeel Abu Salih, do grupo israelense de direitos humanos Adalah, que representa os ativistas, afirmou que a detenção foi prorrogada após a polícia solicitar mais tempo para interrogá-los.

"Vemos isso como uma tentativa de criminalizar qualquer solidariedade com o povo palestino e qualquer tentativa de romper o cerco ilegal a Gaza", disse Abu Salih, acrescentando que a defesa planeja recorrer da decisão perante um tribunal distrital.

Esta é a segunda prorrogação da prisão preventiva. No último domingo (3), Ávila e Keshek já haviam se apresentado ao tribunal que, naquela ocasião, autorizou a extensão da detenção por mais dois dias.

Abu Salih disse que apresentar a dupla perante um tribunal civil era uma "forma de espalhar medo e fazer os ativistas reconsiderarem sua participação" em futuras flotilhas. A Adalah, uma organização de direitos humanos e serviços jurídicos para a minoria árabe em Israel, afirmou que a prisão é ilegal e que os dois foram vítimas de maus-tratos.

Segundo a ONG, eles foram submetidos a "interrogatórios de até oito horas", foram instalados em celas permanentemente iluminadas

e obrigados a ir de um lugar para outro com os olhos vendados, inclusive durante visitas médicas. O governo israelense negou as acusações.

Documentos judiciais mostram que Israel acusa os ativistas de crimes como filiação a uma organização terrorista e assistência ao terrorismo durante período de guerra. As penas podem chegar a 20 anos de prisão. Os dois estão em greve de fome. Então, o tribunal ordenou que o serviço penitenciário monitore a condição médica deles.

A flotilha, composta por mais de 50 embarcações, partiu de França, Espanha e Itália com o objetivo de romper o bloqueio israelense a Gaza e entregar suprimentos ao devastado território palestino. As forças israelenses os interceptaram em águas internacionais, na costa da Grécia. Abu Keshek e Ávila foram detidos junto com outros 175 ativistas, de múltiplas nacionalidades, que foram libertados na Grécia. Os dois foram levados a Israel.

O Ministério das Relações Exteriores de Israel afirma que Abu Keshek é um membro proeminente da Conferência Popular para os Palestinos no Exterior (PCPA) e que Ávila tem ligações com a organização e é "suspeito de atividades ilegais".

Antes da extensão da prisão, o Itamaraty divulgou uma nota conjunta com o governo espanhol condenando o que classificou de "sequestro de dois de seus cidadãos em águas internacionais por parte do governo de Israel".